revista **Opus 8**
fevereiro 2002
ISSN - 1517-7017

Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso

Helena Lopes da Silva

1. Introdução

Este artigo procura revelar a relação existente entre as escolhas musicais declaradas por adolescentes em espaço escolar e a construção da identidade de gênero, a partir de dados obtidos na pesquisa de campo realizada no ano 1999, durante as aulas de Música de uma turma de 8ª série do Colégio de Aplicação (UFRGS).[1]

A categoria analítica de gênero empregada neste estudo parte dos pressupostos defendidos por autores como McROBBIE, (1991, 1984); THORNE, (1993); SCOTT, (1995) e LOURO, (1997, 1998, 1999). Joan Scott, em entrevista concedida à GROSSI, HEILBORN e RIAL (1998), afirma que gênero:

> (...) não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (GROSSI, HEILBORN e RIAL, 1998, p.115).

Partindo do pressuposto defendido por autores que tratam da temática - gênero como construção histórica e social dos sexos - esta dissertação se propôs a compreender e analisar as seguintes questões: Como a construção de gênero se faz presente na aula de música? De que forma a música no espaço escolar constrói a identidade de gênero? Qual a relação existente entre as escolhas musicais dos alunos e a identidade de gênero?

Embora as relações de gênero possam estar presentes em qualquer idade escolar (THORNE, 1993), optei por trabalhar com uma 8ª série por essa representar um marco de transição na vida escolar do aluno o qual passam do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.

Com o objetivo de desvendar como se estabelecem as relações de gênero na aula de música, em um contexto brasileiro, optei por realizar a pesquisa no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A escolha dessa escola, entre tantas outras, justifica-se, em primeiro lugar, pelo fato dessa oferecer aula de música de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental e, em segundo lugar, pela mesma oferecer uma amostra socialmente heterogênea. A heterogeneidade da população do Colégio de Aplicação pode ser explicada por sua natureza pública e, também, pelo fato de os alunos ingressarem na escola por meio de sorteio. Para escolha da turma, levei em consideração a necessidade apontada pelos

professores de música do Colégio de Aplicação de que se fizesse um estudo sobre música na adolescência, devido às dificuldades mencionadas em lidar com essa faixa-etária nas aulas de música.

O tempo de permanência no campo empírico foi de abril a dezembro de 1999, período em que observei as aulas de música da 8ª série as quais ocorriam em dois dias da semana. A turma era dividida em dois grupos, denominados grupo 1 e grupo 2, sendo as aulas ministradas pela mesma professora. Para a realização da coleta de dados, adotei como procedimentos a observação participante, as entrevistas não-estruturadas e semi-estruturadas em grupos mistos e homogêneos de meninos e meninas. Como recursos técnicos, para o registro das informações, foram utilizados o gravador e a filmadora. As observações tiveram registros em diários de campo, que, depois de transcritas, foram agrupadas em quatro cadernos: três contendo os registros de observação, e um, a transcrição das entrevistas. De acordo com os procedimentos éticos adotados, o sigilo das informações prestadas manteve-se assegurado através do uso de pseudônimos escolhidos pelos próprios alunos no texto final da pesquisa. Em sua grande maioria, os pseudônimos eram advindos de nomes de vocalistas de bandas, sobrenomes de cantores do grupo "The Back Street Boys" e nicknames utilizados na Internet, entre outros.

Faz-se necessário esclarecer que, pelo fato deste trabalho ser um estudo de caso, não se tem como objetivo principal a generalização dos resultados encontrados, mas a compreensão do caso em questão. Quanto à validade científica desta metodologia, STAKE (1988, p.263) declara que essa "depende da intenção e do ponto de vista" de cada pesquisador. O autor ressalta que o cuidado na observação e nos relatos não reside no fato de que todos vejam e relatem o mesmo fato, uma vez que diversos observadores possuem diferentes pontos de vista e a cena estudada está em constante modificação (ibid.).

Realizar um estudo de caso na sala de aula exigiu, ainda mais, a consideração desses aspectos intrínsecos à metodologia escolhida devido à rapidez com que aconteciam os fatos, à simultaneidade das interações e aos acontecimentos do cotidiano escolar que facilmente podiam dispersar o foco de meu olhar. Conviver com a "polifonia da sala de aula" tornou-se possível através do aprofundamento teórico proveniente da literatura específica de gênero e da delimitação do âmbito desta pesquisa.

2. Breve resumo do referencial teórico

Para a concretização do presente estudo procurei tecer uma trama teórica envolvendo as temáticas **gênero, música, escola e adolescência** dado ao contexto escolhido para realizar este estudo de caso. A seguir apresento uma breve síntese do referencial teórico utilizado

nesta dissertação para fundamentar a discussão dos dados empíricos recolhidos bem como a compreensão de como a identidade de gênero se manifesta na aula de música.

LOURO (1995, p.58) analisa a escola como uma instituição delimitadora de espaços e acredita que, através de seus símbolos e códigos, a mesma separa e institui o lugar de cada um e o que cada um pode ou não fazer. Referindo-se aos meninos e às meninas, no espaço escolar, a autora analisa que todo o comportamento, atitudes e concepções desses "foram e são aprendidas e interiorizadas, tornam-se quase 'naturais' (ainda que sejam "fatos culturais")" (ibid., p.60).

Embora LOURO (1995, p.181-182) ressalte que a escola não seja a única responsável pela "produção dos sujeitos" pelo fato desses não serem "personagens passivos neste processo", a autora afirma que "somos fabricados e nos fabricamos na escolarização".

Para GREEN (1997a), a compreensão sobre o significado social da música seria de grande proveito para entendermos as diferentes práticas musicais dos diversos grupos de estudantes na escola. A autora analisa que, através da compreensão da construção do significado musical, poderíamos entender as razões "por que estudantes de diferentes grupos se envolvem em certas práticas musicais, porque evitam outras e como respondem à música na sala de aula" (GREEN, 1997a, p.33). Para melhor esclarecer a questão da construção social da música apontada por GREEN (1997a), utilizei os conceitos de significados musicais inerentes e significados musicais delineados desenvolvidos pela autora, em que ela define significados musicais inerentes como aqueles que lidam com as "interrelações dos materiais sonoros, ou simplesmente com os sons da música", os quais, segundo a autora, esses não são "nem naturais, essenciais, nem não-históricos: pelo contrário, eles são artificiais, históricos e aprendidos" (GREEN, 1997a, p.27-28).

Significados musicais delineados é a expressão utilizada por GREEN (1997 a) para "transmitir a idéia de que a música, metaforicamente, delineia uma pletora de fatores simbólicos", como, por exemplo, "uma peça musical que nos coloque a pensar sobre o que os intérpretes estejam vestindo, sobre quem escuta essa música, sobre o que nós estávamos fazendo a última vez que a escutamos". (ibid., p.29)

GREEN (1997a, p.29) ressalta que, apesar desses significados não coexistirem em níveis idênticos, "cada um afeta diferentemente a formação do grupo social em torno da música (...)".

Para compreender as atitudes dos adolescentes em relação à música no espaço escolar considerei o argumento defendido por LOPES (1996, p.58) de que "os próprios cenários de interacção fornecem um contexto, um significado específico à situação de interacção".

Para PAIS (1993, p.103), a música é um signo juvenil geracional, pelo fato de os jovens

atualmente se envolverem "muito mais com a música do que as gerações mais velhas". O autor revela que as preferências musicais dos jovens "são acompanhadas de atitudes específicas que reforçam,- mas também ultrapassam ? os gostos musicais", e aponta a questão das "escolhas emblemáticas", tais como: vestuário, cortes de cabelo, discotecas que tocam determinados tipos de música e que representam "elementos de identificação dos grupos, dando suporte a uma certa 'moral de convivência' por conivência de gostos" (ibid., p.104).

3. Dos resultados

Identidade de gênero e preferências musicais no espaço escolar: suas implicações

As aulas de música as quais assisti, durante o ano letivo de 1999, incluíram as atividades de apreciação, improvisação, leitura e escrita musical, seguindo o programa determinado pela equipe da Área de Música do CAp para a 8ª série. Embora houvesse uma intenção inicial da professora de música em seguir o programa estabelecido, as aulas decorreram em função das temáticas surgidas a partir de sugestões e discussões levantadas pelos alunos no "espaço livre". Esse espaço foi uma oportunidade dada aos alunos, para que trouxessem temas de seu interesse relativos à música e pudessem discuti-los em sala de aula. A partir daí, dois enfoques passaram a ter mais evidência: as preferências musicais dos alunos e a divulgação desse repertório pela mídia.

Desde o início de minha inserção no campo empírico, pude perceber agrupamentos que se formavam na aula de música, tanto no grupo 1 quanto no 2. Em uma entrevista, em conjunto, realizada com meninos, um dos alunos, Scheik, revelou que o agrupamento formado na aula de música não era o mesmo que se mantinha na "aula grande". Segundo o depoimento dos alunos Scheik e Johnny McFly, a formação dos agrupamentos na aula de música era de acordo com os "amigos" presentes no grupo ou "quem estivesse mais perto".

LOPES (1996) constata que "toda a comunicação faz-se na escola, a partir de territórios previamente estabelecidos e bem delimitados". Segundo o autor, "um dos aspectos mais visíveis da territoriedade escolar é, precisamente, a sua forte ligação à ordem hegemônica da convivialidade de base grupal" (p.143). De acordo com LOPES (1996), o grupo de colegas não é necessariamente o grupo de amigos. A amizade formada no espaço escolar é, ainda, segundo o autor, essencialmente uma relação de igualdade, "uma relação entre iguais".

VALDIVIA/BETTIVIA (1999) apontam que os estudos sobre adolescência têm afirmado que "a música é uma das principais formas de ser cool [bacana] dentro do grupo de amigos". As autoras afirmam que "tanto o grupo quanto a identidade individual estão amplamente centrados nas escolhas musicais" (p.437). Em uma entrevista realizada com Fernanda e Patrícia, elas revelaram a necessidade de se conhecerem vários gêneros musicais para não se ficar "por fora" ou mesmo para "ser bacana" dentro dos agrupamentos sociais:

H: Quando vocês compram CD, que tipo de CD vocês compram?

Patrícia: Depende. Eu antigamente quando eu comprava um CD, eu comprava por gostar de uma música, depois ia aprendendo a gostar das músicas. Mas agora é difícil comprar um CD porque o meu gosto de música mudou, sabe? Eu gostava só de pagode. Antigamente eu só escutava pagode, pagode, pagode. Agora não, agora eu escuto Planet Hemp, mas eu não vou comprar um CD do Planet Hemp porque eu gosto de uma música. Eu mudei assim, sabe?

H: O que tu achas que fez mudar o teu gosto?

Patrícia: Humm, sei lá, é que...

Fernanda: É que quando a gente sai de noite e vai numa danceteria, dá todo tipo de música, não dá só pagode. Aí tu vai escutando outros tipos de música e vai gostando.

Patrícia: Um dia eu cheguei no Nuka Nua [danceteria de Porto Alegre] e tava dando 'Planeta dos Macacos' do Jota Quest e todo mundo cantava a música, e eu não tinha a mínima idéia de que música era aquela...

Fernanda: Aí tu te sente por fora e quer aprender também... (DE, p.4-5, 16/08/1999)

Um conflito de gênero revelado pelas preferências musicais

O interesse dos alunos por música era demonstrado pelas revistas e álbuns de música popular que traziam e manuseavam durante a aula, pelos inúmeros aparelhos de *walkman* e *discman* trazidos por eles para a escola e pelo uso constante do rádio durante as aulas e nos intervalos. Esses materiais eram trazidos espontaneamente pelos alunos, não havendo qualquer interferência da professora de música.

A criação do "espaço livre", mencionado anteriormente, gerou uma espécie de "guerra" entre as preferências musicais das meninas e dos meninos.Para tornar possível o convívio entre os gêneros musicais preferidos pelas meninas e os gêneros musicais preferidos pelos meninos, era preciso provar que uma música era "melhor" do que a outra, ou que, pelo menos, ambas tinham "qualidade musical".

Apresento nova cena retirada de meu diário de campo para ilustrar essa "guerra" ocorrida entre meninos e meninas:

Fernanda dirige-se ao som e sintoniza a Eldorado FM [2] . Está tocando um pagode do grupo "Só pra Contrariar" [SPC], e o locutor informa que a música "Eu amo você" [do grupo SPC] está em 5º lugar nas paradas de sucesso. Fernanda, Jack e Patrícia cantam a música acompanhando o grupo de pagode e dançam dando giros pela sala

> de aula. Gigio tira da mochila alguns CDs, e Fernanda, ao perceber, diz: "Nem vem com as tuas músicas, Gigio!" Esse responde, irritado: "Eu trouxe um trabalho pra apresentar!" Gigio entrega um trabalho escrito para a professora de música intitulado: "Som pobre, mas cabeça: Rap, Hip-Hop, Funk: cabeça demais." A professora pede o trabalho de Gigio para tirar um xerox e traz para eu ver. O som de fundo ainda permanece o mesmo: pagode. Ao perceber que a "parada" havia sido ganha por Gigio, Patrícia comunica para a professora: "A aula que vem é com a gente, ssora!" (referindo-se à apresentação de trabalho sobre música no espaço livre da aula de música). KBLO coloca a mão na cabeça e diz: "Ai, pagode!" As meninas fazem que não ouvem. Nesse momento, Gigio começa a apresentar o trabalho, colocando um rap trazido por ele. Patrícia, Fernanda, Piny Carter e Jack fazem que não escutam, conversam alto, riem, boicotam. Patrícia volta a lembrar: "A aula que vem é a gente, tá, ssora?" KBLO torna a repetir: "Ai, pagode não!" (DC, p.81-82, 24/05/1999)

GREEN (1997b) afirma que "as características das práticas musicais de meninas, como descrito por professores e alunos, não só representam convenções do comportamento feminino, mas perpetuam *construções discursivas da própria feminilidade*" (ibid., p.161, grifos da autora). Ainda observa a autora que a adoção de certos posicionamentos das meninas e dos meninos na escola dizem respeito ao que chama de "negociação da identidade de gênero."

Segundo Anne-Marie Green, (1987, p.100) "o que caracteriza os gêneros musicais apreciados pelos jovens é a sua correspondência às tendências latentes e às pulsões mais vigorosas de sua idade: ascenção social, felicidade, juventude, sexualidade, sucesso afetivo ou financeiro, crítica da sociedade". A questão das diferenças entre as preferências musicais reveladas no contexto escolar parecia estar mais associada aos sentimentos que cada um podia ou se permitia declarar. Em uma entrevista realizada com um grupo de meninos e meninas, discutíamos sobre os motivos pelos quais escutavam determinados gêneros musicais e rejeitavam outros. Neste depoimento, um menino revela as suas dificuldades em "mostrar os sentimentos".

> H: Se eu entendi, vocês não ouvem música pelo que a música...
> PQNO: Eu gosto da letra!
> H:...vai influenciar ou não...
> Camila: Eu gosto da letra. Eu sou apaixonada por música lenta, pagode, "rap, funk"...
> H: E o que te chama atenção quando tu ouves essas letras?

Camila: Ai, eu gosto até de música de Natal. (risos)

PQNO: De motel? (risos)

Scheik: Tu gosta mesmo, Mila?

Daniela: Ai! Esses dias, a Camila "ai, essa música é muito perfeita!", e eu, "bah, que música é essa?" "Da Xuxa!" (risos)

Camila: Ai, é porque sempre assim, tu tá escutando uma música e tu te lembra de alguma coisa que já aconteceu na tua vida. Ai, eu gosto de quando eu tô escutando uma música de me lembrar! E eu tenho muitas músicas marcantes...

H: Isso é uma coisa interessante que a Camila está falando, porque eu já ouvi de outras pessoas que quando ouvem uma música dizem "ai, essa música é minha".

Camila:E. A minha música é do [banda de "pop-rock"] Legião Urbana: Pais e Filhos.

H: Isso acontece com guris e com gurias?

Scheik: Até acontece, mas eu acho que é bem menos do que com gurias.

H: Explica um pouquinho mais, Scheik. Porque que tu achas que com gurias é diferente?

Camila: É que com guris, eu acho, eu tenho certeza que os guris têm vergonha de mostrar os sentimentos. Eles escondem muito.

Scheik: É, eu concordo, também...(...) (DE, p.133, 23/11/1999)

Identidades de gênero e a mídia no espaço escolar

MARTÍ (1999, p.35) analisa a importância que tem a música na vida dos jovens: "vão a *shows*, aprendem as letras das músicas para poder cantá-las, não economizam dinheiro para adquirir discos e gravam em vídeo seus grupos preferidos". O autor afirma que "as vivências musicais dos jovens não apenas fornecem elemento de identificação mas também importantes pontos de referência".

Após um tempo maior de convivência com os adolescentes da 8ª série, descobri que eles traziam grandes quantidades de materiais relativos à música para a escola como, por exemplo, seleções de CDs, posters de grupos musicais, revistas de música, fotos de *pop stars*. Esses materiais eram "camuflados" entre seus cadernos de aula. Por vezes, a professora propunha um conteúdo musical, e alguns alunos retiravam esses materiais de suas mochilas sem chamar atenção, sem atrapalhar. Quando descobertos pela professora ou por algum colega "dedo duro", as meninas e os meninos justificavam o fato, dizendo que estavam "lendo materiais sobre música".

Em uma entrevista realizada com um grupo de meninas e meninos, discutíamos sobre a influência que os significados musicais delineados, tais como, a imagem, as roupas dos

artistas exerciam sobre eles. Crash, um dos participantes da entrevista, declara não concordar com que a roupa ou algum outro elemento visual pudesse influenciar o gosto musical, pois em sua concepção "música é para ouvir e não para ver".

Apreciar música através dos significados musicais delineados dos videoclipes parecia estar associado a uma condição feminina, embora os próprios meninos admitissem que a imagem ajudasse a eles gostarem mais das músicas:

> Rafage: É que MTV é uma rádio com imagem.
> H: Está, e o que vocês acham disso?
> Jack: Legal!
> Rafage: Eu não sei por que não pega na minha casa. (ri)
> H: Vocês acham que a imagem ajuda vocês a gostarem mais, ou não?
> Rafage: Na divulgação da música, sim. Que nem aquela música da Mariah Carey: A música é ridícula, mas eu achei tri o clip. Que ela faz guerrinha de pipoca com os caras.
> Crash: Mas eu não escuto a música porque o clip é legal.
> Rafage: Mas sempre influencia.
> Nickoly Ariel: Ah, mais a imagem ajuda.
> Crash: Eu não vou gostar de uma banda porque eu achei o clip legal.
> H: O que que te faz gostar de uma banda, Crash?
> Crash: Se tocar música boa. (DE, p.165-167, 07/12/1999)

Embora houvesse uma necessidade por parte da maioria dos meninos em afirmar que escutavam música pelo seu significado musical inerente, os objetos simbólicos que tanto os meninos quanto as meninas traziam diariamente para a escola, como CDs, posters, e revistas de música, demonstravam que ambos possuíam a identidade de fã. A diferença se estabelecia pela forma como cada um se relacionava com esses produtos. Essa necessidade de se marcar uma diferença através do discurso sobre música evidenciou-se da mesma forma nos debates dos adolescentes sobre as influências que a música veiculada pela mídia poderia ter sobre o comportamento dos meninos e das meninas em relação à droga, sexo, religião e preconceito racial.

Ao colocar, no centro do debate, sobre as diferentes recepções de meninos e meninas sobre o que vêem na mídia, BECHDOLF (1996) analisa:

> Menos em função das mudanças físicas na puberdade, mas principalmente no contexto da relação social com o fenômeno do crescer, a partir de uma certa idade, meninos e meninas têm

> de se ocupar cada vez mais com a questão da identidade de gênero. Quem sou eu? Quais são as exigências colocadas a uma mulher? Como eu tenho de ser como homem? O que é sexualidade? (BECHDOLF, 1996, p.33)

A música, através de seus usos simbólicos, representa uma ferramenta importante neste processo da construção da identidade de gênero na adolescência.

Concluindo

Através dos relatos, entrevistas, discussões em sala de aula e dos materiais que os alunos traziam e usavam na escola como *walkmans, discmans, CDs*, revistas de música e camisetas de grupos musicais, pude compreender que a música ocupa um lugar de destaque na vida desses adolescentes. A identificação com determinados gêneros musicais demonstrada no espaço escolar evidenciou a existência de uma relação estreita entre a música e a identidade de gênero. Além disso, as escolhas musicais puderam também ser comparadas com as roupas que escolhem para vestir, com a linguagem que escolhem para falar, com as atitudes que tomam.

Declarar identificação com determinados gêneros musicais no espaço escolar implicava obtenção de rótulos que poderiam vir a desmerecer a condição masculina ou feminina dos adolescentes. Os debates ocorridos na aula de música associados às informações aprofundadas nas entrevistas indicaram uma separação de gênero através da diferenciação das preferências musicais de meninos e meninas. A existência de um discurso dos próprios alunos e da professora, partindo de uma postura essencialista das diferenças, "naturalizou", de uma certa forma, a seguinte concepção: "meninas, mais sentimentais", e "meninos, mais racionais."

A partir do imbricamento realizado entre a música, escola, adolescência e gênero, este trabalho pôde contribuir para uma construção teórica, envolvendo as quatro vertentes acerca da problemática escolhida. Talvez, em outro contexto, que não a sala de aula, a identidade de gênero não representaria propriamente um conflito. Concordando com a afirmativa de THORNE (1993) de que a escola, comparada a outros contextos, representa um diferencial nas relações de gênero, pelo fato de separar por idades, comportar uma quantidade maior de pessoas e manter a presença contínua de poder e avaliação, acredito que a escola, ainda hoje, reforça a divisão binária dos gêneros.

Uma das questões, para as quais o trabalho aponta, refere-se ao preparo e à atualização dos professores de música para lidar com o repertório consumido pelos adolescentes. Faz-se necessária a mudança de paradigma no que diz respeito ao conhecimento considerado "importante" para ser incluído no currículo de música da escola. A identidade de gênero é

apenas um dos aspectos embutidos no conhecimento musical trazido pelos alunos. Essa mudança de paradigma implica que os professores de música aceitem a mídia como mais um espaço pedagógico além da escola.

A falta de disposição da escola em lidar com esses materiais é analisada por Anne-Marie Green (1987):

> A escola cada vez menos tem em vista dar acesso a uma 'cultura industrializada' pelo fato de que ela somente legitima a ideologia dominante e seus valores culturais (mesmo que para a música propondo-se apenas um ensino superficial). Além disso, ela suspeita uma prática cultural que poderia ser de prazer e de liberdade, pois para a escola a transmissão do saber permanece como esforço, dificuldade, dominação de si (GREEN, 1987, p.101).

Adotar essa idéia talvez diminuísse a lacuna existente entre a "música da mídia" e a música ensinada na escola e, conseqüentemente, a Educação Musical se fortaleceria como área de conhecimento dentro do currículo obrigatório escolar.

Notas

[1] Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: Um estudo de caso, dissertação de mestrado realizada junto ao PPG-Música/UFRGS, sob a orientação da Prof. Dra. Jusamara Souza.

[2] Segundo informações prestadas por Arthur de Faria, Mauro Borba e Alexandre Fetter (radialistas da Pop Rock FM), a rádio Eldorado é dirigida a todas as classes sociais, abrangendo um público variado de jovens e adultos, cuja programação musical consiste basicamente nos gêneros pagode e sertanejo.

Bibliografia

BECHDOLF, Ute. "Watching Madonna: Anmerkungen zu einer feministischen medien-/geschlechter Forschung". KAISER, Hermann J. (Hrsg.). Geschlechtsspezifische Aspekte des Musiklernens.Essen: Verl. Die Blaue Eule, 1996. p.23-44.

GREEN, Anne-Marie. "Les comportements musicaux des adolescents". Inharmoniques: Musiques, Identités. Vol. 2, p. 88-102, 1987.

GREEN, Lucy. "Pesquisa em sociologia da educação musical". Revista da ABEM, nº 4, p.25-35, 1997a.

GREEN, Lucy. Music, Gender, Education. Cambridge: Cambridge University Press, 1997b.

GROSSI, M./HEILBORN, M.L./RIAL, C. "Entrevista com Joan Wallach Scott". Estudos Feministas, v.6, n.1, p.114-124. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998.

LOPES, João T. Tristes escolas - Práticas culturais e estudantis no espaço escolar urbano. Porto: Afrontamento, 1996.

LOURO, Guacira L. "Educação e Gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino". Silva, L. H.; Azevedo, J. C. (orgs.) Reestruturação Escolar. Teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis; Vozes, p.172-182, 1995.

_____ Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós?estruturalista. Petrópolis : Vozes, 1997.

_____ "Segredos e Mentiras do Currículo. Sexualidade e Gênero nas Práticas Escolares". Silva, L. H. (org) A Escola Cidadã no Contexto da Globalização. Rio de Janeiro: Vozes. 1998.

_____. "Pedagogias da sexualidade". LOURO, G. L. (org.) O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.9-34.

MARTÍ, Josep Ser hombre o ser mujer a través de la música: Una encuesta a jóvenes de Barcelona. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 5, n.11, 1999, p. 29-51.

_____ Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós?estruturalista. Petrópolis : Vozes, 1997.

McROBBIE, Angela. "Dance and social fantasy". McRobbie, A. an Nava , M.(eds), Gender and Generation. London: Macmillan, 1991. p.130-161.

_____ "Jackie magazine: Romantic individualism and the teenage girl". McROBBIE, Angela (org.)Feminism and youth culture: From Jackie to just seventeen. London: Mcmillan, 1991, p. 81-134.

PAIS, J. M. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. V. 20, (2), jul/dez, 1995.

STAKE, R. E. Investigación con estudio de casos. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 1998.

THORNE, Barrie Gender Play: Girls and Boys in School. New Brunswick and New Jersey: Rutgers University Press, 1993.

VALDIVIA, Angharad N./BETTIVIA, Rhiannon S. "Gender, generation, space and popular music". McCarthy, C./HUDAK, G./SHAWN, M./SAUKKO, P.(orgs.) Sound Identities: Popular music and the cultural politics of education. New York: Peter Lang Publishing, , 1999, p.430-445.

revista **Opus 8**
fevereiro 2002
ISSN - 1517-7017

Helena Lopes: Mestre em Música - Educação Musical - PPG Música- Mestrado e Doutorado (UFRGS - Porto Alegre, RS), professora das disciplinas Forma e Análise Musical e Teoria e Percepção do curso de Dança da UNICRUZ (Cruz Alta -RS), professora substituta de Iniciação Musical do Projeto Prelúdio (UFRGS - Porto Alegre - RS); professora de Música e regente do Coral Infantil da Escola Projeto (Porto Alegre - RS), regente e preparadora vocal do Coral Juvenil do Colégio Marista Nsa. Sra. do Rosário (Porto Alegre - RS).